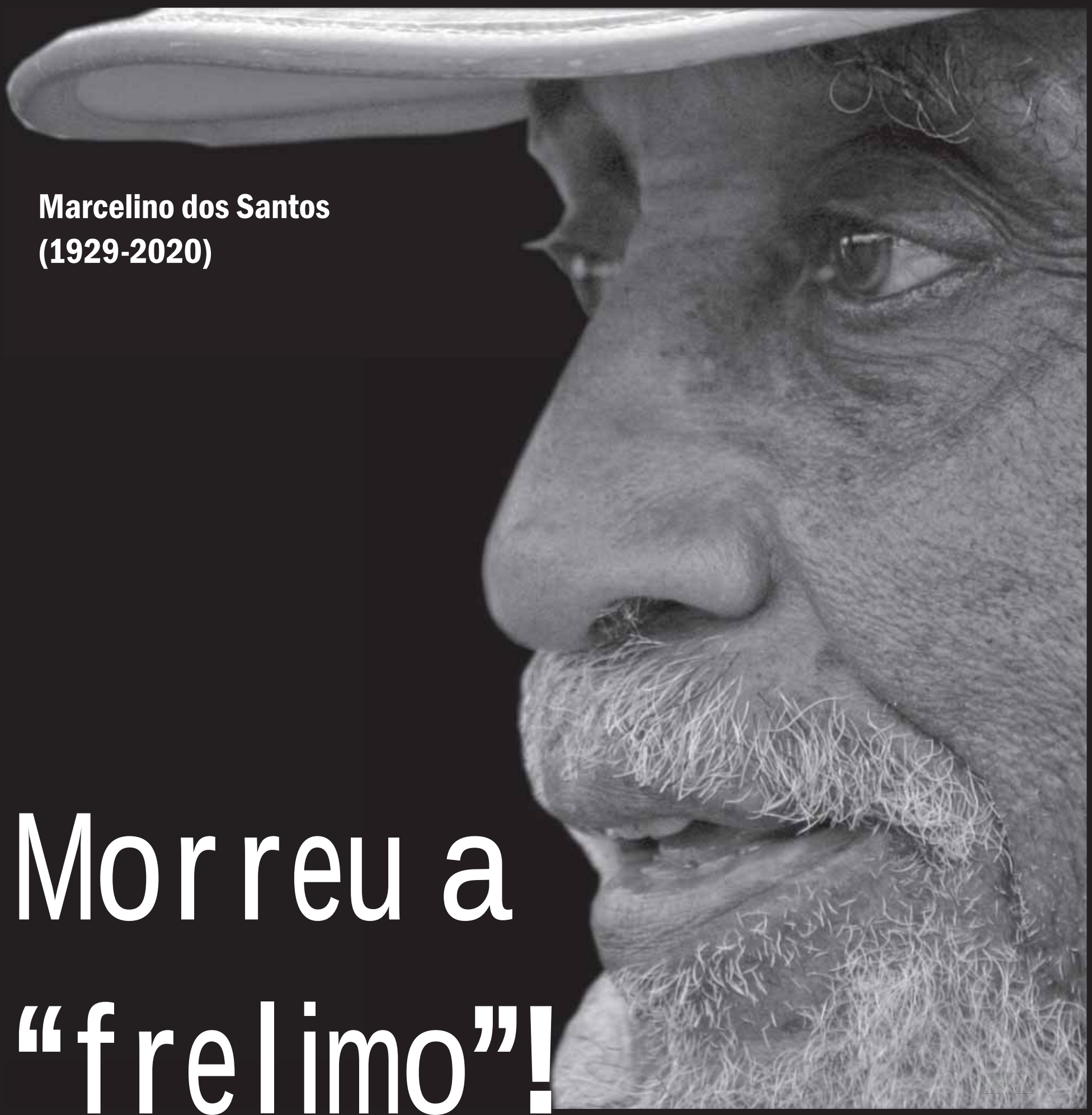
SAVANA

INDEPENDÊNCIA ★ INTEGRIDADE

Maputo, 14 de Fevereiro de 2020 • ANO XXVII • Nº 1362 • Preço: 60,00 Mt • Moçambique

Savana FM 100.2 Mhz • www.savana.co.mz • email:savana@mediacoop.co.mz



Marcelino dos Santos (1929-2020)

Morreu a "frelimo"!

Naita Ussene

Além do politicamente correcto

O outro Marcelino

Por Armando Nhantumbo

O seu papel na libertação do país é inegável. Mas há um outro lado de Marcelino dos Santos. Aquele que não cabe nos livros da história oficial do país. Parte dos retratos tragicómicos de um protagonista de peso na frenética luta de posições e captura de poder na Frelimo são apresentados em "Uria Simango: Um homem, Uma causa", um livro de Bernabé Lucas Ncomo que o SAVANA revisitou. É nesses trechos, que aqui reproduzimos, que mora o Marcelino que quis ser presidente, o Marcelino que viu a raça a conspirar contra si ou o Marcelino que não descansou enquanto o grupo do sul e aliados não triunfasse contra o grupo do centro e norte nas sangrentas lutas na Frelimo.

Uria Simango é o rosto das vítimas que perderam as guerras étnico-regionais na Frelimo, que tiveram em Marcelino dos Santos uma das peças-chave

Nasceu em Lumbo, parte continental do distrito da Ilha de Moçambique, província de Nampula, a 20 de Maio de 1929. Tão cedo se entregou à causa da libertação do país e do continente africano. Tão cedo antes mesmo de Eduardo Mondlane. Figura incontornável do nacionalismo africano de expressão portuguesa, Marcelino se juntou a outras vozes do nacionalismo africano na década de 50, a partir da Europa.

De acordo com a pesquisa de Bernabé Lucas Ncomo, Marcelino dos Santos, um moçambicano de raça mestiça, teve o privilégio de conviver com o radicalismo de esquerda desde a longínqua década de 40.

Profundo conhecedor da gestão de conflitos a nível partidário e estatal nos ditames do radicalismo comunista da Europa do Leste das décadas de 40 e 50, Marcelino era um homem que transportava consigo uma razoável experiência da nata da intelectualidade africana de expressão portuguesa.

Foi, de entre vários nacionalistas moçambicanos da sua época, um dos poucos (senão o único) que teria bebido das experiências nacionalistas da África lusófona por ser o primeiro a juntar-se a angolanos, cabo-verdianos, são-tomenses e guineenses (numa primeira fase em Portugal dos fins da década de 40 e, posteriormente, França, na década de 50) na procura de uma solução para a descolonização das colónias portuguesas em África.

Militante activo da juventude comunista, em 1953, deslocou-se a Bucareste para tomar parte no Festival da Juventude comunista e, no ano seguinte, escalou a China comunista onde se encontrou com Chou En Lai, então primeiro-ministro daquele país. Em 1955, viajou para a Varsóvia para um outro Festival da Juventude e viria a pisar o solo soviético, pela primeira vez, em 1957, na era das controversas reformas políticas de Nikita Krutchev, isto é, muito antes da existência da UDENAMO.

Que se saiba, embora advogando princípios de coexistência pacífica com o ocidente liberal, a antiga União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas (URSS) dessa época e os seus líderes mantinham ainda acesa a chama do internacionalismo proletário, como objectivo principal da sua política internacional na expansão do mundo da ditadura comunista.

A coberto da então Internacional Comunista, a URSS aspirava desempenhar um papel dinamizador nos processos de libertação dos países colonizados do terceiro mundo e penetrar, ideologicamente, em África, um continente que não havia colonizado.

Fricções

Até que, tal como Eduardo Mondlane, Marcelino é colhido de surpresa com o anúncio da existência de um movimento nacionalista moçambicano, a UDENAMO, em Abril de 1961.

Nessa altura, Marcelino já era secretário-geral da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), exactamente quatro dias antes da primeira conferência desta em Casablanca, Marrocos.

De acordo com "Uria Simango: Um homem, Uma causa", um livro que desconstrói a narrativa oficial sobre a história recente de Moçambique, uma vez na UDENAMO, Marcelino nunca se conformou em ter um indivíduo na casa dos 20 anos de idade, Adelino Gwambe, como líder de um movimento nacionalista do seu país.

A rixa entre Gwambe e Marcelino emergiria à luz do dia, pouco antes de 25 de Junho de 1962, data da fundação da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), o então movimento libertador que resultou da fusão da UDENAMO, MANU e UNAMI.

Durante os trabalhos do Conselho Consultivo da CONCP, que teve lugar de 13 a 15 de Junho de 1962 em Rabat, Marcelino foi citado como tendo lançado fortes acusações contra Adelino Gwambe.

Com o aproximar do 25 de Junho de 1962, data da unificação dos movimentos que resultaram na Frelimo, "era imperativo pintar negativamente e o máximo possível o quadro em torno do jovem Gwambe", refere a obra, acrescentando que "dos Santos, na qualidade de secretário-geral em exercício da CONCP, usou a arma que tinha em mão".

E assim terão se cosido as linhas para a derrota de Adelino Gwambe que, no primeiro Congresso, a 25 de Junho de 1962 em Dar es-Salam, perderia a direcção da Frelimo para Eduardo Mondlane.

"Mas, ainda que satisfeito com a queda de Adelino Gwambe, 'um aventureiro' que, como ele e seus companheiros em Marrocos professava o anti-imperialismo americano, Marcelino dos Santos ver-se-ia na 'infeliz' situação de ter de aceitar um dirigente moldado e temperado na sede do liberalismo ocidental [uma clara referência a Eduardo Mondlane]", refere o livro.

O autor de "Uria Simango: Um homem, Uma causa", assinala que, a despeito de colidir ideologicamente com Mondlane, dos Santos teve de se sujeitar a um presidente que, manifestamente, repudiava a tendência radical contra o ocidente e, em particular, os Estados Unidos da América, que caracterizava a maioria dos movimentos nacionalistas que, como secretário-geral da CONCP, coordenava a partir de Marrocos.

Sobre o assunto, Fanuel Malhuza, numa entrevista de 1988, no programa "No Singular", um espaço de entrevista então transmitido pela TVM, a estação pública de televisão, confessou, ao falecido jornalista Emílio Manhique, que "a escolha era pouca. Ou se sujeitava ou corria o risco de, logo à partida, se ver igualmente em confronto com Eduardo Mondlane, o que seria catastrófico para os seus propósitos".

De acordo com Bernabé Lucas Ncomo, viver-se-ia, então, uma aparente coabitação ideológica no interior da Frelimo, que transformaria o movimento numa das máquinas mais complicadas na esfera nacionalista lusófona, com apoios não letais inicialmente vindos de algumas organizações do ocidente e, posteriormente, após o início da luta armada, beneficiando de apoios do leste europeu e da China comunista.

"Todavia, isso não impediu que até ao II Congresso da Frelimo, Mondlane e Marcelino dos Santos fossem sempre conotados com o 'ocidente imperialista' e com o 'leste progressista', respectivamente", diz.

O livro refere que foi preciso Mondlane morrer em Fevereiro de 1969 para que, gradualmente, a Frelimo se transformasse, de uma frente de tendência política liberal, a um movimento marxista-leninista de cariz stalinista.

Lembra ainda que, já antes de 1964, Mondlane andava insatisfeito com Marcelino dos Santos. "Numa carta a Janet Mondlane datada de Agosto daquele ano, o presidente da Frelimo manifestava o interesse em afastar Marcelino dos Santos do cargo de secretário da organização no interior, deixando-o apenas com o de secretário das relações exteriores", narra o texto.

Todavia, prossegue, aos olhos de Mondlane, removido que foi do cargo, Marcelino não se "emendava".

"Em 1967, o presidente havia se apercebido de que Marcelino dos Santos era profundamente pró-comunista e homem moldado para jogar nos bastidores. A sua manutenção na chefia do Departamento das Relações Exteriores trazia-lhe alguns dissabores, dadas as constantes viagens e contactos que o cargo lhe proporcionava. Desse modo, afastou-o também desse, passando o vice-presidente Uria Simango a ficar à testa do referido departamento coadjuvado por Miguel Murupa. A decisão de se afastar Marcelino dos Santos, como diria na altura Simango, visava reduzir o espaço de manobras comunistas na organização", acrescenta.

Ponta de lança pelos do Sul

De acordo com "Uria Simango: Um homem, Uma causa", Marcelino dos Santos, estudante de sociologia na Universidade de Sorborne, em França, e ainda estudante da Universidade Operária naquele país, foi quem iniciou os contactos da Frelimo com os países do leste, nomeadamente, a China Comunista e a União Soviética.

Era, prossegue o texto, um homem de máxima confiança dos cubanos, na altura em que Mondlane liderava a Frelimo e se opunha aos planos de Cuba/URSS de provocar uma confrontação simultânea com Portugal, Rodésia e África do Sul, a partir do Zaire nos anos 64/65.

Conhecia profundamente as manhas de lutas políticas e havia vivido, intensamente, a disputa pela posse do poder no interior no nacionalismo Angolano, particularmente, no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), envolvendo Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, Matias Migueís, Manuel Lima e outros nacionalistas daquele país.

Marcelino pertencia à nata da intelectualidade africana que protagonizou as diversas cisões no nacionalismo africano.

De acordo com a fonte que temos vindo a citar, este homem, que sempre procurou agir nos bastidores, com muita discrição para não ferir susceptibilidades no interior da Frente de Libertação de Moçambique (em consequência da sua cor da pele), surgia agora não só como o ponta de lança na luta pela consolidação do poder do grupo sulista [terminologia do autor para se referir aos frelimistas oriundos do sul de Moçambique, que travavam uma sangrenta guerra contra seus camaradas do centro e norte] na Frelimo (na perspectiva de vir a molda-lo na sua linha ideológica), mas, igualmente, como o homem que, na companhia de outros do grupo dos aliados, trataria de enfeudar a Frelimo e, posteriormente, Moçambique no pós-independência à União Soviética.

O rompimento das relações da Frelimo com Pequim, que poria a União Soviética em vantagem na "zona lusófona" da África Oriental em relação à China de Mao Tsé Tung, teria como obreiro Marcelino dos Santos e o grupo dos aliados, poucos meses depois a morte de Eduardo Mondlane.

Imediatamente após a sua soltura, depois de preso para averiguações sobre a morte de Eduardo Mondlane, Marcelino dos Santos reentra na baila para jogar uma carta: ou tudo ou nada.

A 11 de Abril de 1969, a ala regionalista do sul e aliados, ao se dirigir a Nachingweia para participar na III Sessão do Comité Central, leva na manga uma surpresa para o reverendo Simango (e para muitos), o vice-presidente da Frelimo que acabou por ser empurrado para fora do partido. Uria Simango, pai de Daviz e Lutero Simango, dirigentes do Movimento Democrático de Moçambique, a terceira maior força política do país, acabou morto nas lutas intestinais pelo controlo do poder na Frelimo.

Queria ser presidente

Um depoimento de um dos estrategas do grupo do sul na Frelimo revela as reais pretensões de Marcelino dos Santos na Frelimo, onde a questão racial conspirou contra si.

"Aquilo estava complicado. Ok, em vez de andarmos aqui às voltas, é bom irmos directo ao ponto, estou velho e posso morrer a qualquer altura. A história tem de ficar registada. Todos estávamos com medo que Simango virasse a mesa. Então, era

preciso atacar primeiro; irritar até, para depois apresentar um discurso de reconciliação. Simango foi muito enxovalhado nessa sessão. Havia aquilo que se chamava de crítica e autocrítica naquele tempo, não é?!... Então, era preciso pôr a cabeça a funcionar dada a gravidade da situação. É o seguinte: Marcelino queria ser presidente e Samora Machel era o dirigente de armas. Ele, Marcelino, não podia tocar nas armas então sob comando de Machel. Mas Marcelino sabia que era aí onde estava a força do poder, isto é, nessas armas. Quando Mondlane morre, todos do sul que conviviam com Mondlane começaram a ficar preocupados porque tudo indicava que Simango ia tomar a Presidência. Era lógico. Teve que ser por uma embrulhada da pesada. Marcelino, na companhia de outros, sobretudo dos brancos, mestiços e goeses que sabiam que não tinham hipóteses de ter um mestiço ou um branco como presidente da Frelimo, fizeram muita manobra para que Simango caísse. Para isso tinha que se apoiar no grupo que controlava as armas. Reforçaram então a sua aliança com Chissano e Samora, que era o homem que dirigia o exército. Se tens cabeça, o resto é fácil de perceber. Simango e o grupo de pessoas que o apoiavam no Comité Central foram bem embrulhados por terem aceite o triunvirato. Só despertaram muito tarde".

De acordo com a pesquisa de Ncomo, em todas as plenárias da sessão, juntamente com o grupo sob seu controlo, Marcelino era das vozes mais sonantes. "De agitação em agitação e num atropelo aos estatutos, sugere-se a constituição de um colégio para presidir os destinos da organização (modelo copiado da URSS após a morte de Staline). Dado que havia ainda sequelas de focos de apoio a Simango dentro do Comité Central, era preciso eliminar esses focos por vias de ataques pessoais contra os que ainda nutriam confiança no reverendo. A ala sulista e os seus aliados notaria, então, que a maioria dos apoiantes de Simango, que na hora da verdade votaram nele durante o Congresso, é manipulável", observa.

É preciso sublinhar que, após a morte de Mondlane, um colégio presidencial –em triunvirato – viria a dirigir o partido, com o então vice-presidente, Uria Simango, à cabeça, coadjuvado por Samora Machel e Marcelino dos Santos que, então, regressava em força ao Comité Executivo.

De acordo com "Uria Simango: Um homem, Uma causa", Machel e dos Santos nunca foram eleitos presidente e nem vice-presidente, eles assumiram esses cargos à força.

A questão racial

Desde os primórdios do nacionalismo africano e moçambicano, uma questão conspirou contra Marcelino dos Santos: a raça.

Bernabé Lucas Ncomo assinala que, apesar de Marcelino ser experiente nas lides do nacionalismo africano, a questão racial pesava contra si.

"Nkrumah e muitos outros consideravam-no um moçambicano não representativo da maioria dos oprimidos de Moçambique, por ser mulato", refere a obra, assinalando que era, então, necessário que Marcelino se acomodasse a um certo grupo de moçambicanos, devidamente organizados, para dissipar a imagem de pessoa pouco representativa que fazia aos olhos de outros nacionalistas africanos com quem vinha colaborando, casos de Amílcar Cabral e Agostinho Neto.

"O surgimento de uma UDENAMO cujos mentores mal se conheciam nas lides do nacionalismo africano na Europa e no Partido Comunista Português, apareceu em Marcelino dos Santos como que uma bóia de salvação num momento crucial da consolidação de posições entre os diversos movimentos nacionalistas da "África Portuguesa"", refere.

Já nos tempos da Frelimo, para além do problema ideológico, o problema da raça também voltou a se levantar, preocupando sobremaneira alguns dirigentes do partido.

Ncomo refere que, nos últimos anos da sua vida, Mondlane via em Marcelino um homem que promovia, nos bastidores diplomáticos, um outro tipo de mal-estar.

Segundo uma das testemunhas citada no livro, Marcelino e alguns do grupo dos "aliados" não se cansavam de propalar no estrangeiro que ele (Marcelino) e o grupo dos moçambicanos de origem asiática e europeia eram os que asseguravam a Frelimo, pois os outros eram maioritariamente semi-analfabetos e incompetentes.

"Perante os círculos diplomáticos, Marcelino era igualmente acusado de estar a minar a imagem do presidente e do vice-presidente por ambos não terem pertencido à escola da Internacional Comunista", lê-se.

De modo que, de acordo com o autor, até a morte de Eduardo Mondlane, a situação de Marcelino dos Santos no interior da Frelimo estava um pouco indefinida.

"Acantonado num cosmético Departamento Político que, entretanto, se criara para 'aparentemente' Marcelino passar a chefiar, o homem, aborrecido com a indefinição da sua situação e com as excessivas obrigações e patéticas subordinações que o novo cargo o sujeitava, aborrecia-se ainda mais, sempre que se lembrava da situação de alguns dos seus amigos que, sob pressão de vários membros da Frelimo, no auge dos conflitos de Maio de 1968, se viram forçados a abandonar o território tanzaniano", diz.

Uma das notas sobre o nacionalista, no livro de Bernabé Lucas Ncomo, é que Marcelino dos Santos e sua esposa, Pamela dos Santos, haveriam de ser detidos pelas autoridades tanzanianas para averiguações depois do assassinato de Eduardo Mondlane.

Sucede que, após a sua soltura pelas autoridades tanzanianas, Marcelino dos Santos reemerge do cosmético cargo de "secretário de nada", a que estava reduzido nos últimos anos de vida de Eduardo Mondlane.

Como conselheiro de Machel e dos restantes membros do grupo do sul e aliados, dos Santos reconquista espaço no seio destes e põe a sua máquina ideológica em funcionamento numa frenética e pragmática luta pela consolidação de posições e captura do poder.

FMI defende continuação de reformas Moçambique

O director-adjunto do Fundo Monetário Internacional (FMI), Tao Zhang, realizou esta semana uma visita de trabalho a Moçambique, tendo deixado um apelo para que continuem as reformas estruturais e estabilidade macro-económica no país.

A visita de Tao foi a primeira de um alto quadro do FMI desde a reeleição de Filipe Nyusi para o seu segundo e último mandato na chefia do Estado moçambicano.

O director-adjunto daquele organismo de Bretton Woods pronunciou-se sobre o caminho que Moçambique tem seguido no campo económico, em declarações aos jornalistas, no final de um encontro com o ministro da Economia e Finanças moçambicano, Adriano Maleiane.

"Esperamos que essas reformas e políticas continuem nos próximos anos, particularmente nas áreas da estabilidade macro-económica, reformas estruturais e boa governação", afirmou Tao.

Mostrou-se optimista no sucesso das medidas de ajustamento que estão a ser implementadas pelas autoridades moçambicanas, defendendo que o país tem seguido, nos últimos anos, um rumo promissor.

"Estamos confiantes de que com a nova liderança de Filipe Nyusi e do seu Governo serão continuadas essas políticas e reformas", destacou Tao Zhang.

Por outro lado, prosseguiu, Moçambique está a recuperar bem do impacto devastador dos ciclones Idai e Kenneth, que afectaram as regiões Centro e Norte do país no ano passado.

O director-adjunto do FMI sublinhou que a organização está empenhada no apoio a Moçambique para que o país alcance boas perspectivas na área macroeconómica.

A declaração à imprensa não teve direito a perguntas dos jornalistas.

Nada sobre dar dinheiro

Na sua declaração de despedida, o director-adjunto do FMI disse que a organização está pronta para reforçar a colaboração com Moçambique, mas não especificou se será retomada a assistência financeira ao país.

"O FMI está pronto para reforçar ainda mais a sua colaboração com as autoridades moçambicanas e ajudar a avançar com a sua agenda de reformas", referiu Tao Zhang

O fundo suspendeu os apoios em 2016, devido ao escândalo das dívidas ocultas do Estado no valor de 2,2 mil milhões de dólares e às suspeitas de corrupção no caso, que está hoje sob alçada da justiça em Moçambique e no exterior.

Mais do que pelo volume da ajuda, um novo programa financeiro com o FMI serviria como aval para Moçambique abrir portas a apoios adicionais de outros parceiros externos.

A possibilidade de retoma de apoios financeiros do FMI parece reforçada depois de alcançada em Outubro a reestruturação dos títulos de dívida soberana – 'eurobonds', correspondentes a cerca de um terço das dívidas ocultas.

Como resultado da reestruturação, a agência de 'rating' Fitch retirou Moçambique da lista de países em incumprimento financeiro, atribuindo-lhe uma notação de CCC, o terceiro pior nível de análise.

PUBLICIDADE

QUIQMola
Dinheiro na hora!

Aceda pelo Netplus, Netplus App ou QuiQ, siga os passos já está.

Até **100.000 meticais**, com até 30 dias para pagar e comissão de apenas 5%.

Solicite já.

TERMOS E CONDIÇÕES APLICÁVEIS

Standard Bank Seguindo em Frente